



CRISTIANE RODRIGUES DE FREITAS

CIRLANDE CABRAL DA SILVA

GUIA DIDÁTICO - INSTRUCIONAL

# INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS

*E agora, o que fazer?*





CRISTIANE RODRIGUES DE FREITAS  
CIRLANDE CABRAL DA SILVA

GUIA DITÁDICO - INSTRUCIONAL

# INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS

*E agora, o que fazer?*



A graphic of two hands in shades of teal, one larger and one smaller, positioned as if they are about to clasp or support each other. The hands are rendered in a simple, stylized manner with rounded fingers and palms.

**GUIA DIDÁTICO – INSTRUCIONAL  
INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS SURDOS**

**E agora, o que fazer?**

CRISTIANE RODRIGUES DE FREITAS  
CIRLANDE CABRAL DA SILVA

## Ficha Catalográfica

---

F862g Freitas, Cristiane Rodrigues de.

Guia didático - instrucional: inclusão escolar de alunos surdos e agora, o que fazer? / Cristiane Rodrigues de Freitas, Cirlande Cabral da Silva. – Manaus, 2019.

45 p. : il.

Produto Educacional da Dissertação – A inclusão de alunos surdos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: e agora, o que fazer? (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2019.

1. Educação profissional. 2. Acessibilidade. 3. Processo inclusivo. 4. Práticas pedagógicas. 5. Metodologias inclusivas. I. Silva, Cirlande Cabral da. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 378.013

---

# FICHA TÉCNICA

## **PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

Jair Messias Bolsonaro

## **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC)**

Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub

## **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (SETEC)**

Ariosto Antunes Culau

## **COORDENAÇÃO-GERAL DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (CGPE/ SETEC)**

Carlos Humberto Spezia

## **REITORIA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS (IFAM)**

Antônio Venâncio Castelo Branco

## **PRÓ-REITORIA DE ENSINO DO INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS (PROEN/ IFAM)**

Lívia de Souza Camurça Lima

## **COORDENAÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA MALOCA ACESSÍVEL: ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL EM RECURSOS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA**

Dalmir Pacheco de Souza

## **EQUIPE COLABORADORA DO CENTRO DE REFERÊNCIA MALOCA ACESSÍVEL**

Airton de Oliveira Rodrigues Junior, André Cesar Lemos Soares, Bruna Marcia Nobre  
Gonçalves, Katya Nayara Martins Imbiriba, Lucas da Silva Oliveira e  
Yani Saionara Pinheiro Evangelista

## **AUTORES**

Cristiane Rodrigues de Freitas  
Cirlande Cabral da Silva

**REVISÃO GRAMÁTICO – TEXTUAL**

Edilson Gomes Alves

**DESIGNER GRÁFICO**

Jackson Cavalcante Campos

**DIAGRAMAÇÃO**

Katya Nayara Martins Imbiriba

**NARRAÇÃO**

Airton de Oliveira Rodrigues Junior

**AUDIODESCRIÇÃO**

Bruna Marcia Nobre Gonçalves

**PRODUÇÃO DE VÍDEO**

Lucas da Silva Oliveira

**PRODUÇÃO DE ÁUDIO**

Airton de Oliveira Rodrigues Junior

**EDIÇÃO AUDIOVISUAL**

Airton de Oliveira Rodrigues Junior

**TRADUÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

André Cesar Lemos Soares

Bruna Marcia Nobre Gonçalves

**INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)**

André Cesar Lemos Soares

**REVISÃO FINAL**

Lucas da Silva Oliveira

## DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

**Origem do Produto:** Trabalho de Dissertação intitulado: Inclusão Educacional de Surdos IFAM/CMC e desenvolvido no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFAM.

**Área de Conhecimento:** Ensino.

**Categoria deste Produto:** Práticas pedagógicas, Educação Inclusão, Inclusão de Alunos Surdos.

**Finalidade:** Contribuir com o processo de inclusão dos alunos surdos nos sistemas de ensino regular.

**Estruturação do Produto:** Proposta Organizada em três partes: a primeira é referente a conhecimentos gerais sobre os surdos, a segunda trata sobre as práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos e a terceira traz propostas de formação para a inclusão de alunos surdos para professores, alunos e técnicos administrativos ouvintes.

**Registo do Produto/Ano:** Biblioteca Paulo Sarmiento do IFAM - Campus Manaus Centro, 2019.

**Avaliação do Produto:** O produto foi avaliado por três professores doutores que compuseram a banca da dissertação

**Disponibilidade:** Irrestrita, preservando-se os direitos autorais bem como a proibição do uso comercial do produto.

**Divulgação:** Em formato digital e impresso.

**Instituições envolvidas:** Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

**URL:** <http://www2.ifam.edu.br/profept>

**Idioma:** Português

**Cidade:** Manaus

**País:** Brasil

## RESUMO

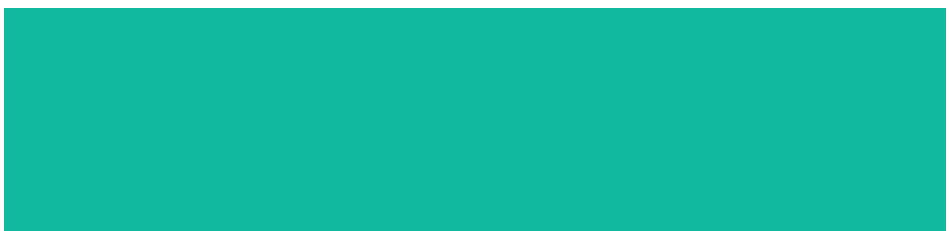
A inclusão de alunos surdos no ensino regular embasada pela legislação educacional nacional é uma realidade desafiadora, mas já presente no ambiente escolar que precisa se organizar e estruturar para que todas as barreiras e dificuldades existentes se transformem em acessibilidades reais no processo inclusivo desses alunos. No sentido de contribuir para que a inclusão do discente surdo seja viabilizada, o produto educacional Guia Didático-Instrucional: Inclusão de Alunos Surdos – E agora o que fazer? tem o objetivo proporcionar a comunidade escolar conhecimentos prévios referente surdo que propiciarão um processo inclusivo mais consciente e próximo da realidade desse aluno. Para isto o produto educacional primeiramente abordará assuntos de conhecimentos gerais sobre os surdos, em sua segunda parte tratará de questões referente a prática pedagógica inclusiva e por último trará propostas de formação por meio de oficinas, palestra e planejamento pedagógico para serem trabalhados com os professores, pedagogos, alunos e comunidade escolar ouvinte que convivem diariamente com esses alunos no contexto escolar. Almejamos que o presente guia seja um instrumento que ajude na efetivação de ações nas instituições de ensino que possibilitem uma real inclusão dos alunos surdos na escola regular

Palavras-chaves: Inclusão escolar de surdos. Práticas pedagógicas. Metodologias inclusivas. Planejamento Integrado.

# ABSTRACT

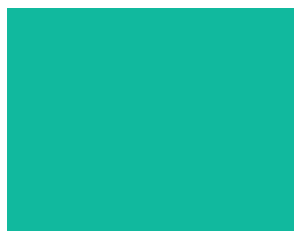
The inclusion of deaf students in regular education based on national educational legislation is a challenging reality, but already present in the school environment who need to organize and structure so that all the barriers and difficulties if turn on real access in the inclusive process of these students. In order to contribute to the inclusion of deaf students is made possible, the educational product Didactic Guide - Instructional: inclusion of deaf students - and now what to do? has the objective to provide the school community previous knowledge regarding deaf that will provide an inclusive process more conscious and close to the reality of this student. For this the first educational product will address matters of General knowledge about the deaf, in your second part will deal with issues related to inclusive pedagogical practice and finally will bring proposals for training through workshops, lecture and educational planning to be worked with teachers, educators, students and school community listener who live daily with these students in the school context. We craving that this guide is a tool to help in the implementation of actions in the educational institutions which allow a real inclusion of deaf students in regular school.

Keywords: school inclusion of the deaf. Pedagogical practices. Inclusive methodologies. Integrated Planning.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
1 CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE OS SURDOS	10
1.1 Entendendo um pouco sobre a diferença entre integração e inclusão escolar	10
1.2 O que é acessibilidade?	11
1.3 Falando sobre a pessoa surda	13
1.3.1 O que é surdez?	13
1.3.2 Quem é o deficiente auditivo?	14
1.3.3 Quem é o Surdo?	14
1.4 Um pouco da história dos surdos	15
1.5 História dos surdos no Brasil	17
1.6 Língua Brasileira de Sinais - Libras	18
1.7 Língua e Cultura Surda	19
1.8 Conhecendo o tradutor e intérprete de língua de sinais e sua importância na inclusão escolar	20
2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS SURDOS	23
2.1 Educação do surdo: Abordagens Educacionais	23
2.2 Práticas pedagógicas docente na inclusão	24
2.3 Procedimentos Metodológicos para a inclusão do aluno surdo	26
2.4 Orientações básicas no acompanhamento pedagógico do aluno surdo	27
3 PROPOSTAS DE FORMAÇÃO PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS PARA PROFESSORES, ALUNOS E TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS OUVINTES	30
Proposta 1 - Oficina de Integração para alunos ouvintes de salas de aulas inclusivas.	30
Proposta 2 - Oficina: Inclusão das pessoas com deficiência: Os desafios do cotidiano escolar	31
Proposta 3 - Oficina: Educação e Inclusão Escolar de Surdos	32
Proposta 4 - Planejamento Pedagógico: Processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos ingressantes	33
Proposta 5 - Palestra: Inclusão escolar de surdos na escola regular	34
3.1 Sugestões para o processo de inclusão escolar	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38



# APRESENTAÇÃO

O produto educacional Guia Didático-Instrucional: Inclusão Escolar de alunos surdos – E agora o que fazer? foi o desdobramento da pesquisa de mestrado intitulada Inclusão de Alunos surdos no IFAM/CM: E agora o que fazer? foi elaborado com a finalidade de apresentar à comunidade escolar do sistema regular de ensino, informações e conhecimentos básicos sobre o processo de inclusão escolar de alunos surdos. Por isso o seu objetivo é bem amplo, pois a finalidade desse produto é alcançar não somente os processos de ensino, ou seja, as acessibilidades pedagógica e metodológica, mas também levar essas informações aos diversos setores da instituição com intuito de contribuir na acessibilidade comunicacional, arquitetônica e atitudinal.

Para isto, procuramos realizar a elaboração do produto educacional ao mesmo tempo que íamos coletando os dados da pesquisa, pois precisávamos entender como cada participante conforme a sua função dentro da escola percebia o processo de inclusão e como descreviam as dificuldades vivenciadas diárias dentro do Campus Manaus Centro. Assim, utilizando dessa realidade, recebemos diversas contribuições e identificamos em nossas observações como pesquisadora, as necessidades postas por meio de experiências compartilhadas e convivência com os integrantes da pesquisa.

Diante do contexto apresentado, construímos o produto em três partes justamente por estarmos tentando propiciar à comunidade acadêmica a conscientização de que todos fazem parte do processo de inclusão escolar, por isso todos precisam ter o mínimo de informações e identificação com a realidade do aluno surdo.

Por isso, a primeira parte será constituída de informações instrucionais básicas sobre o que é a inclusão? Os conceitos de surdez, história da educação do surdo, legislações específicas, qual o papel do intérprete, como agir na abordagem do aluno surdo, dentre outras questões para a comunidade escolar ouvinte que ainda não tem conhecimentos aprofundados sobre a pessoa surda, a cultura surda e a língua brasileira de sinais.

A segunda parte abordará sobre práticas pedagógicas inclusivas para o aluno surdo, onde destacaremos as abordagens educacionais no ensino da pessoa surda, prática pedagógica docente e procedimentos metodológicos, procuraremos trazer orientações básicas sobre o acompanhamento pedagógico desse discente.

A terceira parte do guia é composta por propostas de formações para professores, pedagogos, gestão, alunos ouvintes e comunidade escolar por oficinas, palestra e planejamento pedagógico, além de descrevermos as diversas sugestões destacadas pelos participantes da pesquisa para o processo de inclusão escolar.

A proposta do guia é trazer uma linguagem acessível, por isso foi construído visando chamar a atenção do leitor por meio de curiosidades, aprenda mais, sugestões de vídeos, livros e filmes. O produto ainda contará com um DVD com a mídia em áudio, audiodescrição e tradução em libras, visando à acessibilidade comunicacional a todos os públicos.

# 1 CONHECIMENTOS GERAIS SOBRE OS SURDOS



Para iniciarmos a nossa conversa e descobertas sobre os surdos precisamos entender que para estabelecermos relações com o outro precisamos conhecê-lo primeiro, saber de suas preferências, suas opiniões e planos para futuro, dentro desse contexto o primeiro capítulo do guia se propõe a levar você, caro leitor a iniciar essa relação de aprendizagem sobre a pessoa surda levando em conta suas peculiaridades, história, cultura e língua, tendo em vista sua inclusão na escola regular.

Assim, nosso “tour” de apresentação e aprendizagem sobre as pessoas surdas, iniciará primeiramente pelos conceitos básicos referentes à inclusão escolar das pessoas com deficiência (pcds) a fim de nos identificarmos com o contexto que os alunos surdos são inseridos na escola regular, e em seguida, nos apropriaremos de conceitos mais específicos acerca da educação e vida dos surdos.

## 1.1 Entendendo um pouco sobre a diferença entre integração e inclusão escolar

O processo de inclusão escolar de pessoas com deficiência na escola regular passou a ser discutido na educação brasileira a partir das últimas décadas do século XX embasados nos movimentos mundiais e nos documentos oriundos dessas mobilizações como por exemplo a Declaração de Salamanca (1994) que propõe a inclusão dos alunos com deficiência nas escolas regulares. É importante ressaltar que a Constituição Federal Brasileira, de 1988, no Art. 208, inciso III já mencionava sobre a educação inclusiva, mas somente, na década de 90, a inclusão das pcds no ensino regular ganhou força e passou a vigorar efetivamente, devido ao crescimento de políticas públicas educacionais fundamentadas na vertente inclusiva.

A integração escolar por sua vez está presente na educação das pcds desde a metade do século XX e trabalha na perspectiva de uma educação que apenas recebe esse aluno sem se adequar às suas necessidades individuais, apenas os insere em contextos educacionais regulares e espera que esses indivíduos se adaptem a ele, ou seja, cria um sistema excludente, com um discurso de uma inclusão irreal, Pacheco (2016, p.35) define a integração como “[...] o processo de preparação e transposição dos alunos com deficiência para as escolas regulares. Nesse momento, as iniciativas ainda estão centradas na deficiência, ou seja, o indivíduo deve ser preparado para adaptar-se a qualquer ambiente [...]”.

A realidade é que, na integração, as práticas educativas não sofrem alterações em seu

processo pedagógico, ou seja, a metodologia, as práticas, as atividades, as atitudes não são adaptadas para se receber os alunos deficientes prevalecendo ainda a exclusão deles dentro dos sistemas regulares de ensino.

Na inclusão escolar, é defendido o processo inverso da integração escolar, ou seja, a escola com suas ações e práticas pedagógicas é que deve se adaptar para atender as pessoas com deficiência, adaptando a sua estrutura e procurando eliminar todo e qualquer tipo de barreira que prive qualquer aluno de ter acesso a uma educação igualitária.

## 1.2 O que é acessibilidade?

Lipo (2012) descreve a acessibilidade como uma condição de utilização dos espaços construídos, onde qualquer pessoa tenha a possibilidade de acesso de forma segura a mobiliários, equipamentos, edificações, meios de transporte, comunicação e informação, ou seja, acesso a todos os espaços e meios em suas múltiplas interfaces sem qualquer barreira arquitetônica e de comunicação.

A acessibilidade da pessoa com deficiência está regulamentada por meio da Lei Nº 10.098/2000 e mais atualmente também pela Lei n 13.146/2015 que alterou algumas partes da primeira lei citada, inclusive colocando o seguinte texto no Art. 2º, inciso I para definir acessibilidade

I Acessibilidade: de acordo com a legislação vigente é a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

Na inclusão escolar, a acessibilidade é fundamental, por isso as instituições precisam se organizar para promover as ações necessárias para a garantia desse direito, no caso dos surdos, a acessibilidade comunicacional é fundamental com a disseminação da língua brasileira de sinais - libras, que proporcionará a interação necessária entre surdos e ouvintes, mas também não podemos esquecer que a acessibilidade arquitetônica é necessária para essas pessoas, na escola, através de campanhas luminosas, placas indicativas com imagens a fim de sinalizar os espaços e não apenas escritas em português, enfim tornar a escola acessível para as pcds é primordial para a sua permanência e êxito.

## Curiosidades

Você sabia que ao longo da história diversas terminologias já foram utilizadas para se referir as pessoas com deficiência (pcds)? Pois é as pessoas com deficiência já foram chamadas de anormais, excepcionais, portadores de deficiência ou pessoas portadoras de deficiência, pessoas com necessidades especiais, deficientes, especiais, entre outros, atualmente o termo usado e aceito é pessoas com deficiência.



## Aprendendo mais



A Tecnologia Assistiva (TA) também é forma de acessibilidade que contribui muito na inclusão escolar das pessoas com deficiência, pois trabalha principalmente criando recursos que auxiliam esses alunos a terem acesso, por exemplo aos conteúdos curriculares. A criação de materiais pedagógicos através de recursos tecnológicos acessíveis faz com que o aluno tenha mais facilidade em seu processo de ensino e aprendizagem.

## DESTACANDO A TECNOLOGIA ASSISTIVA

Atualmente, na Rede Federal de Ensino o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, através do Núcleo de Tecnologia Assistiva do Instituto Federal do Amazonas (APOEMA/IFAM) tem centrado suas ações de acordo Pacheco et al. (2018) na produção e adaptação de materiais didáticos e paradidáticos acessíveis, que possuem em suas obras impressas um DVD que contém mídia em áudio, audiodescrição, Libras e ainda a legenda trazendo ainda mais acessibilidade as pcds. Segue a relação de alguns desses materiais:

O pequeno Saci – Autoria: Claudenilson Pereira Batista.

Negrinho e Solimões – Autoria: Tatyana Sampaio Monteiro.

Dicas de como conviver com a pessoa com deficiência visual – Autoria: Carlos Alberto Bruce Fragata.

Acessibilidade e Tecnologia Assistiva de Baixo Custo – Autoria: Ioná Pereira Magalhães.

Inclusão Escolar na Rede de Educação Profissional e Tecnológica: Procedimentos básicos para a sistematização das ações de inclusão e atendimento aos estudantes com necessidades específicas – Autoria: Rutiléia Maria de Lima Portes.

Conhecendo as Letrinhas – Autoria: Vera Lúcia Gomes Aragão.

Um caracol, o passarinho e a lenda do rio encantado – Autoria: Rhanayse da Silva Costa.

Minhas Poesias Infantis – Autoria: Fernanda Leite Perrone.

## *Sugestões: Pesquisas*

Quer saber mais sobre as terminologias utilizadas para as pcdds?

Consulte o livro: *Deficiência e Política Pública: Reflexões sobre os humanos invisíveis* de Dalmir Pacheco (2016). A leitura do livro é riquíssima, pois nos mostra a história das pessoas com deficiência, aborda sobre sua problemática, além de tratar das políticas públicas que versam sobre a inclusão. Nos anexos do livro, podemos consultar dois quadros: um sobre Deficiência e Concepções histórias destacando época, termos e significados e valor das pessoas e outro quadro sobre Termos e Deficiência sobre o que não devemos dizer, nem escrever e o que devemos dizer ou escrever sobre as pcdds.

### **Dica de site:**

Você quer conhecer um pouco mais sobre as legislação das pessoas com deficiência acesse o site da Diversa: educação inclusiva na prática: <https://diversa.org.br/artigos/a-legislacao-federal-brasileira-e-a-educacao-d-e-alunos-com-deficiencia/>



## **1.3 Falando sobre a pessoa surda**

Nesse item explanaremos alguns conceitos para entendermos melhor sobre como ocorre a surdez e como identificarmos o deficiente auditivo e o Surdo no contexto escolar.

### **1.3.1 O que é surdez?**

A surdez é caracterizada pela perda auditiva identificada pela não percepção dos sons, o que ocorre é um bloqueio auditivo que, conseqüentemente, dificulta a fala, sendo necessário um exame audiométrico para identificar o nível de perda auditiva por meio da identificação dos graus de percepção sonora que podem ser classificados como leve, moderado, severo e profundo. Souza et al. (2013) descreve que para a realização do diagnóstico clínico da surdez é necessário seguir alguns passos, pois existem vários fatores que ocasionam a surdez e podem resultar desde uma perda leve até uma perda profunda.

Os fatores que causam a surdez são variáveis e também podem ocorrer por causas desconhecidas, Monteiro; Silva; Ratner (2017) destacam que a causa pode ser congênita durante a gestão e o nascimento e adquirida após o nascimento por consequência de medicamentos, otites e até viroses, além de descrever que a surdez pode ser classificada em perda condutiva auditiva e perda auditiva neurossensorial.

A classificação da perda auditiva é identificada pelo nível do limiar auditivo, assim quanto maior a perda, maior o limiar, sendo que para se medir os níveis de audição utiliza-se a unidade de medida decibel (dB).

Silva (2008) descreve que os limiares normais da audição são de 0-20dB, a perda leve (20 a 40 dB) seria a fala levemente prejudicada, o indivíduo não consegue perceber todos os fonemas das palavras e não impede a aquisição da linguagem; a perda moderada (40 a 55 dB) é caracterizada pelo atraso no desenvolvimento da fala, devido à dificuldade de identificar os sons das palavras, sendo necessário uma certa intensidade na voz para que seja percebida, a autora ainda traz - diferentes de outros autores - a perda moderadamente severa (55 a 70 dB); a perda severa (65-70 a 80-90 dB) a pessoa quase não percebe os sons, identifica ruídos familiares, voz forte e pode demorar mais tempo para desenvolver a fala, sendo que a sua compreensão verbal se dará mais pela percepção visual e a perda profunda (> 85-90 dB) o indivíduo por não identificar os sons, não consegue naturalmente adquirir a linguagem oral.

### 1.3.2 Quem é o deficiente auditivo?

O deficiente auditivo é o indivíduo que possui uma perda auditiva parcial ou total na percepção dos sons. E que geralmente, a busca pelo acesso aos sons é algo convencional na sua vida cotidiana, pois utiliza dos meios disponíveis e possíveis para ter acesso aos sons e assim se comunicar com a sociedade ouvinte. Seja pelo uso de aparelho auditivo, seja por implante coclear, seja pela utilização da linguagem oral sempre visa a comunicação oral, portanto, em sua grande maioria não utiliza a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

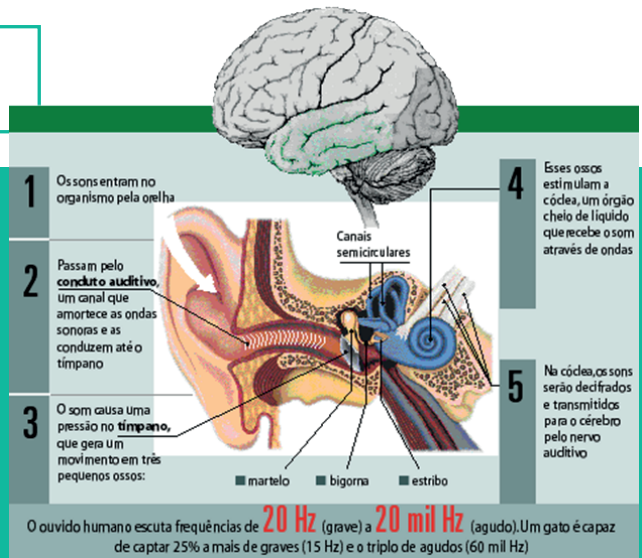
### 1.3.3 Quem é o Surdo?

O surdo é o indivíduo que possui uma perda auditiva severa e profunda ou que os resquícios auditivos são ínfimos. O termo Surdo atualmente se refere aqueles que se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais, ou seja, os sons não são convencionais em sua vida comum, pois a sua interação com a sociedade ocorre por meio do campo visual-espacial que é fundamentado por características culturais próprias que é manifestado por meio de

comportamentos diferentes da comunidade ouvinte. De acordo com Moura (2016, p.25) os surdos se definem e se diferenciam dos deficientes auditivos: “Os denominados surdos não veem a si mesmos como deficientes, utilizam a língua de sinais e valorizam sua cultura. Já aqueles que se reconhecem como deficientes auditivos seriam as pessoas que não se identificam com a cultura e identidade surda”.



**Você sabe como ocorre o processo auditivo?** De acordo com Aragon; Santos (2015) a orelha (orelha externa, média e interna) realiza a audição, ou seja, o processo auditivo ocorre da seguinte forma: a orelha externa capta os sons e o transporta pelo pavilhão e canal auditivo até chegar ao tímpano que faz vibrar os ossos martelo, bigorna e estribo, os autores explicam que as referidas vibrações movimentam o líquido da cóclea, localizado no ouvido interno o que permite que sinais elétricos sejam emitidos pelas extremidades dos nervos auditivos e por fim enviados ao cérebro.



Fonte: Folha Online (2003) [www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/5sentidos/te3004200328.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/5sentidos/te3004200328.shtml)

## 1.4 Um pouco da história dos surdos

A história dos surdos não se difere em sua totalidade da história das pessoas com deficiência como um todo, pois traz uma mesma linha histórica de exclusão e segregação que se modificava de acordo com cada época, contexto e cultura vivenciados pela humanidade. Pacheco (2016) relata que existiram diferentes formas de convívio com as pessoas com deficiência que impunham procedimentos de aceitação ou desprezo, assim podemos constatar as pessoas com deficiência, sendo mortas, isoladas do convívio social, estigmatizadas, privadas de uma série de direitos que só mostravam a supervalorização da “deficiência” em detrimento de sua capacidade e potencialidade.

Strobrel (2009) traça da história dos surdos, definindo-a em três fases: 1- Revelação cultural a maioria dos surdos não enfrentavam problemas educativos e até dominavam a arte da escrita, artes, ou seja, eram sujeitos bem sucedidos; 2 - O isolamento cultural que ocorreu após o Congresso de Milão em 1880 que mesmo em meio à resistência dos surdos proibiu o acesso à língua de sinais; 3 - O despertar cultural que ocorre na década de 60 com o re-nascimento da cultura e língua de sinais pelos ouvintes.

Como verificamos, os surdos historicamente enfrentam desafios na busca do reconhecimento de sua identidade cultural, pois diante de uma sociedade majoritária ouvinte surgem diversos obstáculos que dificultam a consolidação da cultura surda em meio à sociedade que possui valores culturais intrínsecos definidos e que tudo que contraria esses princípios deve ser colocado à margem por desequilibrar o que foi construído e estabelecido ao longo da história da humanidade.

## *Aprendendo um pouco mais*

Durante muito tempo o termo surdo-mudo foi usado para se referir aos deficientes auditivos de forma errônea, pois nem todo surdo é mudo, a maioria dos surdos não fala porque não escuta e, portanto, não conseguem desenvolver a fala, mas possuem o sistema articulatório sem problemas. Por isso o termo correto a ser utilizado é surdo ou deficiente auditivo.

## *Sugestões: Filmes*

Jonah é um jovem surdo que recebe um diagnóstico errado de retardo mental e leva uma vida repleta de frustrações, até que seus talentos são reconhecidos.



## *Curiosidades*

Você sabia que o Congresso de Milão foi uma conferência internacional que ocorreu no ano de 1880, na cidade Italiana de Milão? Nesse congresso foi elaborado uma resolução que proibiu o uso da língua gestual nas escolas e colocou o método oralista como o mais apropriado para a educação dos surdos. Essa decisão foi tomada por educadores de surdos ouvintes e não teve a participação dos surdos que foram os mais penalizados durante esse período chamado comumente de “período obscuro da história educacional dos surdos”.

## 1.5 História dos surdos no Brasil

A história dos surdos no Brasil, assim como a mundial é caracterizada por processos exclusivos e segregatórios, mas a referida situação começa a tomar rumos diferenciados a partir da década de 70 por meio de movimentos nacionais que ganharam força na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

No que se refere à história educacional dos surdos, destacamos a criação no século XIX do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, uma escola para surdos que impulsionou o início da constituição da Língua de Sinais Brasileira – Libras.

No século XX, observamos no estudo realizado por Sigolo; Guerreiro; Cruz (2010), a criação de uma série legislações e documentos sobre as pcdds, situação intensificada principalmente a partir da segunda metade do século XX, por meio de um processo histórico de leis e decretos que tratavam especificamente dos deficientes auditivos como o Decreto Nº 38.700/1956 que aprovou o Regimento do Instituto dos Surdos-Mudo, a Lei Nº 3.198/1957 pela qual o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos passou a chamar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) - atualmente considerado um centro de referência na educação de alunos surdos e que criou em 2005 o curso de pedagogia bilíngue.

Em 1987, temos também a criação da FENEIS – Federação Nacional de Integração e Educação de Surdos e também não podemos deixar de destacar o evento que ocorreu em 1994 que trouxe grande visibilidade para a comunidade surda em nível nacional chamada a “Marcha Surda Venceremos” que tinha várias reivindicações, sendo as principais o reconhecimento da Língua Brasileira de sinais, a educação dos surdos em Libras e o provimento de intérpretes em espaços públicos.

Todo o movimento realizado pela comunidade surda alcançou algumas conquistas posteriormente com o reconhecimento da Libras como língua oficial através da Lei Nº 10.436/2002 que foi um grande marco de mudanças históricas na vida do surdo, pois segundo Carrieri e Espindola (2012) proporcionou a eliminação de uma série de barreiras por meios legais, além da inclusão da disciplina de Libras no currículo dos cursos de fonoaudiologia e de formação de professores, sendo posteriormente promulgado o

### *Curiosidades*

Você sabia que o INES foi fundado no ano de 1857 por Dom Pedro II e o Padre surdo Francês Huet com o nome de Instituto Imperial dos Surdos-Mudos. O seu regime de funcionamento era na forma de internado, visto que recebia estudantes do sexo masculino de todo o país.

### *Sugestões: Vídeos*

A vida em Libras – História do surdo

Endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=ARnqw9UITDc>

Decreto Nº 5.626/2005 que veio regulamentar a referida lei.

Assim, constatamos que no Brasil, nas últimas décadas, houve um avanço considerável no que diz respeito à regulamentação e possibilidades educativas da pessoa surda, mas que não são suficientes para uma inclusão plena, pois ainda são necessárias mudanças significativas no contexto escolar tradicional, tais como: aumento dos recursos das instituições para o provimento de materiais didáticos-pedagógicos adaptados, capacitações formativas e as mobilizações necessárias para proporcionar as condições básicas para a concretização de um ensino inclusivo.

## 1.6 Língua Brasileira de Sinais – Libras

A língua brasileira de sinais – libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira sendo caracterizada como visual-gestual e de acordo com Garcia; Pereira; Fontoura (2010, p.17) é “articulada por meio das mãos e das expressões faciais e corporais” e possui uma estrutura gramatical própria, por isso é uma língua e não uma linguagem.

Quadros; Karnopp (2004) relata que as línguas de sinais não são diferentes das línguas orais apenas a sua modalidade que é visuoespacial a diferencia, assim expressam conceitos abstratos, ou seja, é possível a expressão de qualquer conceito. É uma língua onde as informações linguísticas são recebidas pelos olhos e feitas com as mãos.

A língua de sinais possui cinco parâmetros são eles: 1. Configuração de mãos; 2. Ponto de articulação; 3. Movimento; 4. Orientação/Direcionalidade; 5. Expressão facial/corporal.

Como percebemos, os sinais não são feitos de qualquer maneira ou fora de um contexto, até porque possuem características próprias que precisamos conhecer para podermos conseguir conversar com os surdos, respeitando a estrutura gramatical da sua língua materna.

### Curiosidades



Você sabia que a língua de sinais não é universal? Na realidade, de acordo com Quadros e Karnopp (2004) em cada país existe uma língua de sinais, dessa forma a língua de sinais brasileira é diferente da língua de sinais americana, ou seja, são línguas distintas, até havendo dialetos nas referidas línguas.

De acordo com Garcia; Pereira; Fontoura (2010), a Língua brasileira de sinais não é o português sinalizado, exemplificam essa afirmação ao destacarem que a interpretação de libras para o português ou do português para libras não é realizado por meio de sinais soltos, sendo necessário combinar os sinais de forma inteligível.

### Aprendendo mais



## 1.7 Língua e Cultura Surda

O surdo, por se comunicar com o mundo pela forma visual, possui singularidades linguísticas e culturais específicas que os identificam, Garcia; Pereira; Fontoura (2009) dizem que a identidade do surdo está ligada à sua forma de comunicação, assim a construção de sua cultura está embasada em suas experiências visuais, sendo a libras, de acordo com a autora, a própria construção da identidade do surdo fazendo parte dessa cultura: sua história, arte e educação.

Quadros e Schmiedt (2006, p.13) destacam que “As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social”. Assim, o processo de construção da identidade surda é realizado pelo empoderamento da concepção da língua como meio de expressão e como destaca Garcia; Pereira; Fontoura (2009) a libras é o instrumento decisivo no das potencialidades do surdo, pois permite que ele seja autônomo, capaz de agir e intervir na sociedade.

Apesar de hoje, questões de aceitação da cultura surda estarem fortalecidas no Brasil, a luta pelo reconhecimento dos seus direitos e da língua brasileira de sinais durou décadas, sendo marcada por um forte engajamento dos próprios surdos que lutaram por uma mudança imediata e definitiva que respeitasse a sua cultura, Lebedeff (2016) cita que esse movimento iniciou na década de 60 e ganhou força nos anos 90, por meio da organização da comunidade surda que reivindicou o reconhecimento da língua de sinais, além dos movimentos internacionais que influenciaram o governo a repensar a educação das pcds.

### *Curiosidades*

Você sabe como surgiu o setembro azul? Foi uma mobilização nacional da comunidade surda que ocorreu em defesa dos direitos dos surdos desdobrados em questões principais da época como o não fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e o direito de uma escola bilíngue para os surdos. Nesse mês também se comemora o “Dia Nacional da Língua de Sinais”, “Dia Nacional do Surdo” e “Dia Internacional dos Surdos”.

### *Aprendendo Mais*

A escola bilíngue para os surdos traz a proposta de ensino por meio da língua de sinais como primeira língua dos surdos (L1), portanto o ensino deve ser realizado em libras e a língua portuguesa seria a segunda língua dos surdos (L2). Moura; Lodi; Harrison (1997) dizem que o bilinguismo é uma nova proposta na educação de surdos que defende a língua de sinais como principal meio para o desenvolvimento cognitivo e social do surdo, portanto considera a Língua de Sinais como sua primeira língua (L1) e no caso do Brasil a Língua Portuguesa como segunda língua, na forma escrita (L2).

Portanto, a cultura e a identidade surda se constituem em um processo de compartilhamento (experiências visuais surdas), respeito e reconhecimento das formas de entender e interpretar o ambiente e a sociedade como pessoas conscientes e cientes dos seus direitos.

## *Sugestões: Pesquisas*

### **Dica de Consulta:**

Gostaria de saber mais sobre o setembro azul, consulte o site Libras.

**Endereço eletrônico:** <http://www.libras.com.br/setembro-azul>

### **Dica de Vídeo:**

História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil

**Endereço Eletrônico:**

<https://www.youtube.com/watch?v=oxscYK9Xr4M>



## **1.8 Conhecendo o tradutor e intérprete de língua de sinais e sua importância na inclusão escolar**

O tradutor e intérprete de língua de sinais tem sua profissão regulamentada pela Lei Nº 12.319/2010, segundo a qual as suas atribuições do profissional no exercício de sua competência são a efetuação da comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa, além de constar a interpretação nas instituições de ensino, nas atividades didáticos-pedagógicas e culturais, visando a viabilização do acesso aos conteúdos curriculares.

No que diz respeito à formação do Tradutor e Intérprete de Libras a referida lei no Art. 4º diz que:

A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I – cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou; II – cursos de extensão universitária; e III – cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010)

Com a política de inclusão escolar de surdos em escolas regulares de ensino e visando a garantia da lei, a presença do profissional intérprete se tornou imprescindível para a efetivação do processo inclusivo, sendo de acordo com Silva; Santana (2012) sua principal função a interpretação, ou seja, a comunicação entre o surdo e o mundo ouvinte realizando a função de mediador e não facilitador.

Ainda segundo as autoras, o trabalho de interpretação deve ser desenvolvido no ambiente escolar em constante parceria com os professores por meio de um planejamento integrado e o acesso aos materiais e conteúdos antecipadamente, visando uma boa aprendizagem do aluno surdo, não sendo sua atribuição educar ou conduzir a aula, pois seu papel principal em sala de aula será realizar uma mediação comunicativa.

Assim, destacamos que o seu papel em meio à sociedade ouvinte é fundamental para a acessibilidade dos surdos no ambiente escolar regular, sendo de acordo com Kotaki; Lacerda (2018) um forte colaborador na construção de práticas pedagógicas adequadas e no desenvolvimento do aluno surdo.

## Curiosidades

Você sabia que o intérprete possui um código de ética? O código de Ética dos Interpretes os orienta em sua atuação e faz parte do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS).

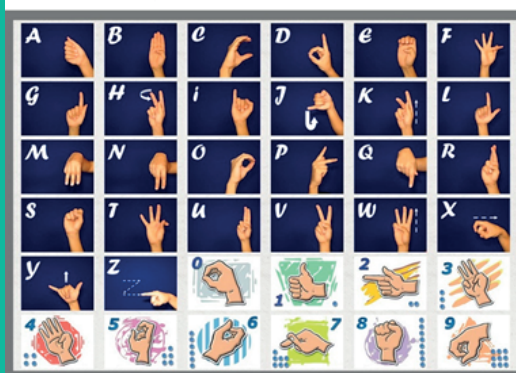


## Aprendendo Mais

Você sabe o que é um alfabeto datilológico ou manual? Silva (2008) o define como um sistema que corresponde a uma configuração particular da mão para cada letra do alfabeto escrito. Esse sistema também é utilizado principalmente para palavras que não tem sinal em libras.

Agora que tal aprendermos o alfabeto e os números em libras!

### Alfabeto em Libras



Fonte: Figura retirada do Curso de Libras on-line (<http://www.cursodelibras.org>)

## *Sugestões: Livros*

Intérprete Educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva de autoria de Neiva de Aquino Albres.



## *Sugestões: Vídeos*

**Libras/Aluno Surdo:**  
Melhor lugar para ele ficar em sala de aula.

**Endereço Eletrônico:**  
[https://www.youtube.com/watch?v=Bd5XTPc\\_3Kc](https://www.youtube.com/watch?v=Bd5XTPc_3Kc)



## 2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS PARA ALUNOS SURDOS



A segunda parte abordará sobre a prática docente em salas de aulas inclusivas por isso destacaremos as abordagens educacionais no ensino da pessoa surda e procuraremos trazer orientações básicas sobre a aprendizagem do aluno surdo e exemplos de práticas pedagógicas inclusivas.

### 2.1 Educação do surdo: Abordagens educacionais

Ao longo da história educacional do surdo, a principal abordagem educacional utilizada foi a oralista onde os surdos eram ensinados a falar, recebiam estímulos auditivos e praticavam a leitura labial, para que esse objetivo fosse alcançado Souza et al. (2013, p.70) descreve que utilizavam-se técnicas de “treinamento auditivo, desenvolvimento da fala e a leitura labial”, além da valorização de próteses e implantes

cocleares, sendo esse método uma estratégia para inclusão do surdo na sociedade, ou seja, integrar o surdo na comunidade ouvinte.

A abordagem oralista cede lugar a outras abordagens educativas devido ao fortalecimento da cultura surda e à luta pelo seu reconhecimento, acompanhada da evolução histórica das leis de ensino, surgindo assim a comunicação total que de acordo com Souza et al. (2013, p.70) defende que o surdo pode utilizar todas as formas de comunicação oral e gestual para se desenvolver linguisticamente trazendo uma flexibilização, mas ainda com o objetivo de atender a língua oficial do país, sendo os sinais trabalhados dentro da estrutura e ordem da língua oral.

Como essa nova abordagem também não atendeu de forma plena a formação dos surdos até porque a língua oral é distinta da língua de sinais surge o bilinguismo que é uma abordagem educativa que considera a valorização das particularidades do aluno surdo. Moura; Lodi; Harrison (1997) relatam que é uma nova proposta na educação de surdos que defende a língua de sinais como principal meio para o desenvolvimento cognitivo e social do surdo, portanto considera a Língua de Sinais como sua primeira língua (L1) e no caso do Brasil a Língua Portuguesa como segunda língua, na forma escrita (L2).

Como vemos, a educação dos surdos passou por várias fases até chegarmos ao contexto educacional atual que ainda requer muitas mudanças para que a implementação e solidificação de um ensino que reconheça e se adeque às singularidades do aluno surdo, conspirando a sua condição linguística e cultural.

## 2.2 Práticas pedagógicas docente na inclusão

A prática pedagógica do professor em sala de aula não deve ser norteadas por ações isoladas ou descontextualizadas, pelo contrário as ações devem ser planejadas de forma sistemática e contextualizada, visando a um dos objetivos principais do ensino que é a aprendizagem discente. Mas, nem sempre alcançar esse objetivo é tão fácil ou rápido, por isso é necessário, continuamente, repensar e recomeçar com novas estratégias e metodologias que nos ajudem no processo de ensino e aprendizagem.

No contexto da inclusão de pessoas com deficiência, essa prática pedagógica reflexiva precisa ser realizada ainda mais rotineiramente, até porque peculiaridades no ensino devem ser levadas em consideração nas ações desenvolvidas na sala de aula no acompanhamento desse aluno. Dorziat (1999, p.184) relata que a “A prática pedagógica é construída, portanto, a partir das concepções de sociedade, indivíduo e ensino dos sujeitos que apreendem, interpretam e atuam sobre essa prática”.

Dessa forma, a busca em compreender o nosso aluno em sua totalidade é essencial para uma prática pedagógica inclusiva de sucesso, sendo, no caso do surdo, o primeiro passo seria a valorização da língua de sinais e a busca docente pelo seu domínio, pois de acordo com Dorziat (1999) é um dos critérios básicos para os surdos terem acesso e sem restrições ao saber sistematizado, apesar de não ser a única solução dos problemas educacionais dos surdos, assim como a língua oral não é a solução para o ensino dos ouvintes.

Mas, apesar do uso da língua de sinais não ser a solução para as dificuldades educativas dos surdos, Conceição (2011) afirma que a sua utilização faz toda a

### *Curiosidades*

Vocês sabiam que os surdos defendem uma proposta bilingue de educação? Em sua grande maioria, os Surdos não são a favor das escolas inclusivas, defendem a escola de surdos, onde devem primeiramente dominar a língua de sinais e posteriormente o português que deve ser aprendido na sua modalidade escrita, respeitando a sua condição de bilíngue e bicultural.

### *Sugestões: Vídeos*

Gostaria de saber como o surdo pensa?  
Dê uma olhada no vídeo de Rebeca Nemer com  
Cláudio do Rosário.

Endereço Eletrônico:

[www.youtube.com/watch?v=aWqdc2k1xoU](http://www.youtube.com/watch?v=aWqdc2k1xoU)

diferença, principalmente nas aulas de língua portuguesa, por meio de sua contextualização, recursos visuais e ainda reitera que a efetivação da educação dos surdos não é uma questão de escolha entre as duas línguas, mas a existência das duas de forma concomitante.

Em segundo, podemos destacar a questão de ver a pessoa surda, como um sujeito de potencialidades e que, como qualquer outro aluno, possui competência de aprender, caso lhe seja concedida essa oportunidade. A Resolução Nº 2/2001 cita no Art. 4º, inciso II, essa questão ao descrever o reconhecimento e a valorização das suas diferenças e potencialidades devem ser asseguradas no processo de ensino e aprendizagem.

Um terceiro aspecto que destacamos de fundamental importância no desenvolvimento da prática pedagógica docente na inclusão é a realização de um diagnóstico inicial a fim de verificar os conhecimentos prévios do discente a fim de partir para o segundo momento que seriam as adaptações metodológicas e a contextualização dos conteúdos no sentido de criar condições e meios para uma real aprendizagem do aluno surdo. Essas adaptações devem ser traçadas de maneira intencional visando o alcance das especificidades dos alunos e o seu desenvolvimento acadêmico com base em uma didática e recursos visuais.

As adaptações no processo inclusivo podem e devem ocorrer em vários níveis do currículo, de acordo com o documento do MEC, Parâmetros Curriculares Nacionais Adaptações Curriculares (BRASIL, 1999) podem ser de pequeno e de grande porte ou pequeno porte, referente à de pequeno porte ou não significativas podem ser organizativas, relativas aos objetivos e conteúdo, avaliativas, nos procedimentos didáticos e nas atividades e na temporalidade, podendo o professor por meio de ajustes contextualizá-la em suas aulas.

Uma quarta situação que influencia diretamente no trabalho docente, pois é uma mudança que envolve diversos fatores em nível macro e outros profissionais da educação é a reorganização nas propostas educacionais das instituições para que se adequem ao modelo da escola inclusiva que estamos atualmente inseridos e amparados legalmente, a Resolução Nº 02/2001 descreve que além dos sistemas de ensino realizar a matrícula na rede regular de ensino deve assegurar as condições necessárias para uma educação de qualidade por meio de recursos humanos, materiais e financeiros.

Como verificamos, o desenvolvimento de uma prática pedagógica inclusiva docente requer diversos fatores como conhecimento, envolvimento, revisão de conceitos, adaptações metodológicas e reorganização de propostas educacionais que requerem um trabalho intenso, planejamento integrado, capacitação docente e um trabalho cooperativo que retorne para o aluno surdo através da viabilização de um ensino adequado a sua realidade política, linguística e cultural.

## Curiosidades



Mas, afinal de que forma o surdo aprende? Como ocorre a aprendizagem desse aluno? O surdo é uma pessoa que apreende o mundo principalmente pela forma visual, por isso aprendem mais facilmente pela forma visual, por isso a importância do uso de métodos visuais de comunicação em seu processo de ensino e aprendizagem.

O trabalho de uma equipe técnico-pedagógica envolvida no processo de inclusão e acompanhamento do aluno surdo é imprescindível, pois resultará em práticas pedagógicas e estratégias metodológicas mais assertivas por meio de um planejamento sistematizado, integrado e colaborativo.



## Aprendendo mais

DICAS: ATENÇÃO EQUIPE PEDAGÓGICA SEMPRE QUE FOR FAZER ALGUM COMUNICADO NA SALA DE AULA PROCURE LEVAR AS INFORMAÇÕES IMPRESSAS OU PELO MENOS ESCREVA NO QUADRO PARA FICAR VISÍVEL A INFORMAÇÃO PARA O ALUNO SURDO

## Sugestões: Livros

O que todo pedagogo precisa saber sobre libras: os principais aspectos e a importância da língua brasileira de sinais - Autor: Eduardo de Campos Garcia.



## 2.3 Procedimentos Metodológicos para a inclusão do aluno surdo

Sabemos que para a realização do processo educativo como um todo, não existe um caminho único para um ensino eficaz, na educação dos surdos também não existe uma metodologia milagrosa ou única que leve a uma aprendizagem plena do aluno surdo. Mas existem procedimentos metodológicos que podem contribuir para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada que seja compreendida por esse estudante, Gonçalves e Festas (2013) relatam que os surdos aprendem de maneira diferente, por isso as metodologias utilizadas devem ter forma visual, além de estar ligada à cultura surda, a fim de se encaminhar para a efetivação da inclusão.

Dentro dessa realidade de aprendizagem Ducatti e Villwock (2014) defendem a ideia que para o estudante surdo alcançar uma aprendizagem significativa deve ser envolvido em atividades atrativas e que façam parte do seu cotidiano, exemplifica essa afirmação ao tratar sobre o ensino de cálculos matemáticos que precisam ser contextualizados para o desenvolvimento do raciocínio lógico nos processos cognitivos por meio de aulas com materiais concretos e em laboratório de informática, além de tarefas que façam parte do seu dia a dia. Assim as ações pedagógicas devem ser claras e estruturadas de forma a alcançar a aprendizagem.

As estratégias metodológicas para a inclusão do aluno surdo podem ser as mais variadas possíveis e requererá do professor e equipe multiprofissional da escola também inovação e flexibilização visando a interação entre surdos e ouvintes e a quebra de barreiras para o processo inclusivo do aluno surdo.

### *Aprendendo Mais*

Você sabia que atualmente diversos materiais didáticos, produtos educacionais, sequências didáticas têm sido criados para orientar e auxiliar a prática docente em determinadas disciplinas e conteúdo? Exatamente esse é um trabalho de engajamento e comprometimento, portanto para saber mais sobre esses produtos faça pesquisas em sites de mestrados profissionais e experiências exitosas na educação de surdos.

### *Sugestões: Livros*

Livro “Tenho um aluno surdo e agora? Introdução a Libras e Educação de Surdos” - Organizadoras: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda; Lara Ferreira dos Santos. (diversos autores).



## *Sugestões: Pesquisas*

Quer encontrar propostas de produtos educacionais na área da inclusão escolar, consulte os sites abaixo:

**Mestrado em Educação Profissional e Tecnologia - MPET.**

Endereço Eletrônico: <http://mpet.ifam.edu.br/>

**Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFPEPT**

Endereço Eletrônico: <http://www2.ifam.edu.br/profpept>



## **2.4 Orientações básicas no acompanhamento pedagógico do aluno surdo**

O processo de inclusão escolar do aluno surdo na realidade da escolar regular requer atenção, organização e planejamento, além de profissionais qualificados que possam garantir um atendimento adequado. Mas, não podemos esquecer também que no caso especificamente do aluno surdo o acompanhamento pedagógico, conforme Zanata (2005) deve ser aliado a estratégias educativas que perpassem pela questão da comunicação.

Dentro desse contexto listamos abaixo algumas orientações e dicas fundamentais para nortear o trabalho docente em sala de aula e dos demais profissionais que atuarão diretamente com esse aluno.

Assim, destacamos abaixo algumas orientações e dicas no acompanhamento pedagógico ao aluno surdo:

- Procure posicionar-se sempre de frente para o aluno surdo;
- Falar compassadamente, com a intensidade de voz normal para facilitar a tradução do intérprete para o aluno surdo;
- No caso da presença de deficiente auditivo também fale compassadamente, em um tom de voz mais intenso ou fale mais próximo do aluno e caso ele faça leitura labial posicione-se de frente para o aluno;
- Ao tentar chamar a atenção do aluno surdo para si, utilize a forma visual por meio de um toque no braço ou chamando sua atenção no campo visual, evite puxá-lo ou tocá-lo bruscamente;
- Utilize enunciados mais curtos e diretos nos exercícios ou atividades avaliativas;
- Ao utilizar vídeos fique atento a existência de legendas e janela de interpretação em libras;

- Planeje suas aulas expositivas e conceituais da forma mais visual possível com o uso de ilustrações, fotografias, figuras ou desenhos;
- Trabalhe os assuntos com palavras ou frases chaves;
- Utilize recursos tecnológicos em suas aulas;
- Utilize softwares que possibilitem a experiência visual;
- Utilize de estratégias como apresentações, dramatizações, entre outros;
- Trabalhe com atividades cooperativas em duplas ou grupos e também por projetos visando a interação entre surdos e ouvintes;
- Trabalhe utilizando dicas e sugestões;
- Procure o local adequado para o surdo sentar na sala de aula, visando uma maior proximidade com o professor e a facilitação do trabalho de tradução e interpretação;
- Evite interromper a tradução e interpretação, principalmente não passando no meio ou na frente do aluno e intérprete;
- Utilize de recursos diversos como jogos (jogo da memória, cruzadinhas visuais, caça palavras visuais), entre outros;
- Ofereça material de apoio como apostilas, resumos, indicações de site, livros, vídeos antecipadamente para o aluno surdo e para o intérprete;
- Caso seja necessário, revise ou repita o conteúdo;
- Ao fazer a chamada olhar para o aluno e apontar com a mão ou fazer o seu sinal;
- Utilize de avisos visuais, principalmente quando forem referentes a atividades avaliativas, convocações ou assuntos importantes;
- Realize adaptações metodológicas em suas aulas;
- Utilize problemas por meio de ilustrações;
- Use nas atividades charges;
- Utilize espaços alternativos no processo de ensino e aprendizagem como laboratórios, espaços abertos, sala de vídeos, entre outros;
- Mostre a figura e espere a visualização;
- Utilize de slides e impressões coloridas;
- Usar de exemplos cotidianos ou comuns e as histórias de vida cotidianas;
- Organize reforços paralelos;
- Adaptação de vocabulário complexo para vocabulários mais acessíveis;
- Trabalhe com histórias em quadrinhos, pois é um recurso muito positivo no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo.

Como observamos, são diversas dicas e orientações que devemos conhecer para podermos desenvolvê-las no acompanhamento pedagógico do aluno surdo, visando sua inclusão no contexto escolar.

## Curiosidades

Você sabia que a aplicação de ferramentas tecnológicas facilita a aprendizagem do aluno surdo? A tecnologia oferece alternativas acessíveis para a comunicação do surdo também e de acordo com o Brasil Monografias Escolares atualmente temos o Facebook, o Whats app, o Software Vlibras, WIKLIBRAS, Hand Talk, ProDeaf, o conversor de texto Rvbená online e TLIBRAS.



## Sugestões: Vídeos

Didática e Educação de Surdos.

Endereço Eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=koFjliCVM5Q>



### 3 PROPOSTAS DE FORMAÇÃO PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS PARA PROFESSORES, ALUNOS E TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS OUVINTES

#### *Proposta 1* **Oficina de Integração para alunos ouvintes de salas de aulas inclusivas.**

Objetivo: Promover a reflexão sobre o processo de inclusão dos (as) alunos (as) surdos na turma.

Público Alvo: Alunos ouvintes e surdos

(Organizar a sala com as cadeiras em círculo)

Roteiro

- Boas Vindas (Logo no início o organizador da oficina deve entregar o alfabeto em libras para todos os participantes, pedir pra que eles treinem o seu nome)

- Dinâmica: As dificuldades das pcds na inclusão.

Como fazer: os alunos deverão ficar em pé em círculo, após devem ser escolhidos dois alunos que ficarão de fora do grupo e tentarão entrar no círculo, mas os demais farão de tudo para impedir que eles consigam entrar.

Objetivo da dinâmica: Trazer a reflexão sobre como é difícil ser inserido em um contexto, onde as demais pessoas não colaboram ou participam para que essa inclusão ocorra.

Dica: O organizador da dinâmica pode comparar as dificuldades do aluno surdo na inclusão escolar.

- Dinâmica Telefone sem fio

Como fazer: os alunos deverão fazer uma fila e um alunos surdo deverá falar uma palavra ou frase em libras que deverá ser passada aluno por aluno, até o final da fila, o último aluno deverá fazer em libras a mensagem que chegou até ele.

Objetivo da dinâmica: conscientizar os alunos ouvintes da dificuldade de comunicação que os alunos surdos possuem em um ambiente de ouvintes, além de incentivar a todos a buscarem aprender pelo menos os sinais básicos para uma comunicação em libras.

Dica: Trabalhar questões sobre acessibilidade comunicacional.

- Vídeo: Folha explica os desafios da educação de surdos

Endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=fsdBjTK6-TE>

- Roda de Conversa (cada participante que se disponibilizar a falar deverá se apresentar falando o seu nome em libras e depois dizer o seu sinal, caso não tenha sinal os alunos surdos presentes poderão dar um sinal ao participante)

Tema Geral: Inclusão escolar dos alunos surdos

- Explicação sobre o tema;
- Participação dos alunos;

Materiais para oficina: Data show, caixa de som, adaptador, alfabeto em libras impresso.

## *Proposta 2*

### **Oficina: Inclusão das pessoas com deficiência: Os desafios do cotidiano escolar**

Objetivo: Promover um ambiente de diálogo sobre os desafios inclusão escolar das pessoas com deficiência.

Público Alvo: Professores, pedagogos, administrativos.

(Organizar a sala com as cadeiras em círculo)

Roteiro

- Boas Vindas
- Apresentação (Nome, área de formação e setor de lotação).
- Dinâmica: Como incluir sem conhecer

Como fazer: Levantar um diálogo sobre os desafios da inclusão da pessoa com deficiência segurando uma caixa com o embrulho para presente amassado com um papel de presente de cor apagada e outra caixa bem embrulhada com um papel de presente com uma cor vibrante. Em seguida destacar questões como: pré-julgamento, preconceito contra as pcds, deficiência e potencialidades, atitude docente frente à inclusão, comprometimento, revisão de conceitos e práticas pedagógicas.

Objetivo da dinâmica: Refletir sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiências levando em consideração suas peculiaridades e potencialidades.

-Roda de Conversa

Metodologia de trabalho: Trabalhar o texto de Sassaki (2003) A educação Inclusiva e os obstáculos a serem transpostos, tendo como objetivo os desafios da inclusão escolar. Em seguida dividir grupos de trabalho.

Divisão dos participantes da oficina em grupos de trabalho.

- Atividades dos grupos de trabalho:
- Grupo 1 – Listar as possibilidades de inclusão educacional para alunos surdos.
- Grupo 2 – Listar as possibilidades de inclusão educacional para alunos com deficiência física.

- Grupo 3 – Listar as possibilidades de inclusão educacional para alunos com deficiência visual.
  - Grupo 4 – Listar as possibilidades de inclusão educacional para alunos com deficiência intelectual.
  - Apresentação dos relatórios de cada grupo
  - Encerramento: Vídeo Convivência
- Endereço Eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=u5651tdwyXo>  
 Materiais para oficina: Data show, caixa de som, adaptador, caneta. papel ofício.  
 Referência: SASSAKI, R. A educação inclusiva e os obstáculos a serem transpostos. Entrevista concedida ao JORNAL dos professores, órgão do Centro do Professorado Paulista, no. 343, fevereiro, 2003.

### *Proposta 3*

## **Oficina: Educação e Inclusão Escolar de Surdos**

Objetivo: Conhecer as legislações e os procedimentos metodológicos básicos para a inclusão escolar do aluno surdo.

Público Alvo: Professores e equipe multiprofissional.

(Organizar a sala com as cadeiras em círculo)

Roteiro

- Boas Vindas
- Dinâmica: Comunicação Visual

Como fazer: Colocar um vídeo sem áudio e deixar as imagens passando por um tempo, até perceber certa inquietação entre os participantes.

Objetivo da dinâmica: Sensibilizar os participantes da oficina das dificuldades de comunicação que o surdo enfrenta na escola inclusiva, onde nem todos sabem libras.

- Vídeo: A vida em Libras/História dos Surdos

Endereço Eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=ARnqw9U1TDc>

- Roda de Conversa

Levantar uma discussão sobre os aspectos legais da educação e inclusão escolar dos surdos na escola regular referente a práticas pedagógicas e estratégias metodológicas.

Trabalhar os textos:

- Educação Inclusiva para surdos e as políticas vigentes - Mariana de Lima Isaac Leandro Campos (2018).
- Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos- Cristina Broglia Feitosa de Lacerda; Lara Ferreira dos Santos; Juliana Fonseca Caetano (2018).

Após dividir grupo de trabalho.

Divisão dos participantes da oficina em grupos de trabalho.

- Atividades dos grupos de trabalho: Cada grupo deverá escolher uma disciplina e elaborar um plano de aula e depois apresentar listando possibilidades e dificuldades no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem do surdo.

- Apresentação dos planos de aula de cada grupo

Materiais para oficina: Papel Ofício, caneta, data show, caixa de som.

Referência:

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. Educação Inclusiva para surdos e as políticas vigentes. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos.

(Orgs). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Orgs). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

## *Proposta 4*

### **Planejamento Pedagógico: Processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos ingressantes**

Objetivo: Conhecer sobre o processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo e planejar ações inclusivas para o ano letivo.

Público Alvo: Intérpretes, professores, pedagogos e gestão.

(Organizar a sala com as cadeiras em círculo)

Roteiro

- Boas Vindas

- Vídeo: O papel do professor frente a inclusão – o aluno surdo

Endereço Eletrônico: [https://www.youtube.com/watch?v=AOU\\_ehEgJHQ](https://www.youtube.com/watch?v=AOU_ehEgJHQ)

- Vídeo: Projeto de Integração de Alunos Surdos no Ensino Regular

Endereço Eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=01HxazaAAzE>

- Roda de Conversa (a roda de conversa tem como finalidade proporcionar o primeiro contato entre professores, intérpretes e tema em questão para assim iniciar um planejamento de acompanhamento e ações para a inclusão no ano letivo ou semestre letivo.

Primeiro dia

1º momento:

- Apresentação dos alunos surdos por meio de fotos.

- Explicação sobre o tema: Como realizar esse acompanhamento do aluno surdo no ano letivo.

- Apresentar as ideias principais dos textos sugeridos.

2º momento: Exposição das expectativas e desafios

3º momento: Divisão de grupos de trabalho:

1º grupo – Acessibilidade atitudinal

2º grupo – Acessibilidade metodológica

3º grupo – Acessibilidade comunicacional

4º grupo – Acessibilidade arquitetônica

5º grupo – propostas sobre a capacitação profissional e planejamento para a atuação com o aluno surdo durante o ano letivo.

Materiais para oficina: Data show, caixa de som, adaptador, Slides, caneta, papel ofício.

Sugestões de textos sobre acessibilidade para trabalhar na oficina:

LIPPO, Humberto. Para um conceito de Acessibilidade. In: LIPPO, Humberto. Sociologia da acessibilidade e reconhecimento político das diferenças. Canoas: Ed. Ulbra, 2012.

SCHNEIDER, Laino Alberto. Acessibilidade e Políticas Públicas. In: LIPPO, Humberto. Sociologia da acessibilidade e reconhecimento político das diferenças. Canoas: Ed. Ulbra, 2012.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, p. 10-16, Ano XII, mar./abr. 2009.

Segundo dia

Elaboração de um plano de trabalho anual.

- Esse momento os participantes da oficina utilizarão para compartilharem e sistematizarem os resultados dos trabalhos do primeiro dia da oficina para elaboração de um plano de trabalho anual.

## *Proposta 5*

### **Palestra: Inclusão escolar de surdos na escola regular**

Objetivo: Apresentar a comunidade ouvinte da escola orientações básicas referente à inclusão de alunos surdos na escola.

Público Alvo: Comunidade escolar como um todo

Iniciar a palestra com o vídeo:

- Vídeo: Folha explica os desafios da educação de surdos

Endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=fsdBjTK6-TE>

Questões a serem abordadas na palestra

- Aspectos legais da inclusão escolar: Leis da inclusão, acessibilidades.

- Referenciar aspectos Fundamentais para a inclusão do surdo: como língua e cultura;

- Enumerar procedimentos básicos para o atendimento dos alunos surdos dentro da escolar;

- Sensibilizar a comunidade escolar sobre a importância da participação e envolvimento de todos no processo inclusivo.

### 3.1 Sugestões para o processo de inclusão escolar

Como durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada “A Inclusão de Alunos Surdos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: E Agora O Que Fazer?”, inúmeras sugestões de melhoria, aperfeiçoamento e sistematização do processo inclusivo foram surgindo, destacamos abaixo algumas delas com o intuito de contribuir para a inclusão de alunos surdos na escolar regular, tendo em vista ser uma demanda efetiva nas referidas instituições de ensino:

- Produção de vídeos didáticos em língua de sinais.
- Ter ou implementar no núcleo de apoio as pcds a constituição de uma equipe multiprofissional.
- Colocar em cada setor uma placa sinalizada em libras.
- Instalação de campanhas sinalizadas nas salas e corredores da escola.
- Criação de um acervo de materiais e equipamentos específicos para os profissionais que atendam os alunos surdos.
- Cursos de capacitação em libras dentro do horário da carga horária dos profissionais da escola- formação em serviço.
- Organizar, por meio de oficinas, capacitações sobre o processo de inclusão das pessoas com deficiências.
- Realizar reuniões para o planejamento integrado com a equipe multidisciplinar da escola referente aos procedimentos iniciais para a integração dos surdos no início do ano do letivo.
- Curso de libras para os alunos ouvintes das classes inclusivas.
- Propiciar ao aluno surdo o acompanhamento contínuo do psicólogo escolar.
- Disponibilização de um horário para o desenvolvimento de um planejamento integrado do professor e intérprete.
- Oferecer cursos ou reforço de língua portuguesa para os alunos surdos.
- Organizar palestras ou oficinas ministradas por professores surdos.
- Elaborar um plano de gestão de acompanhamento da implementação da acessibilidade arquitetônica, pedagógica, atitudinal e comunicacional.
- Propiciar reuniões, encontros ou grupos de estudo entre os professores de salas de aula inclusivas para o compartilhamento ou troca de experiências.
- Organizar palestras ou encontros para toda a comunidade escolar sobre os procedimentos básicos para o atendimento do aluno surdo no ambiente escolar.
- Organizar protocolos ou documentos norteadores para o trabalho do intérprete de libras na escola.
- Desenvolver projetos de criação de sinais para termos específicos ainda não sinalizados em determinadas disciplinas.
- Criar ou confeccionar materiais e jogos didáticos que auxiliem no processo de ensino e

aprendizagem do aluno surdo.

- Elaborar um vídeo mostrando como é a rotina do aluno surdo na escola destacando seus desafios diários.

Como observarmos, as sugestões colhidas durante a referida pesquisa de mestrado trazem inúmeras ideias e possibilidades para o processo de inclusão do aluno surdo e demais pcds, cabe a escola contextualizar cada uma delas adequando-as à sua realidade.



## — CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante do contexto de uma educação na perspectiva inclusiva, as escolas regulares por meio dos profissionais da educação e comunidade escolar são levadas a repensar suas ações, políticas, propostas e práticas educativas, mas como fazer isso sem uma capacitação adequada ou ao menos o conhecimento prévio da demanda que atenderá? A lei garante a execução da inclusão das pessoas com deficiência, mas como fica o seu acompanhamento, permanência e êxito durante todo esse processo?

Assim, inseridos nesse desafio, é que o Guia Didático-Instrucional: Inclusão de Alunos Surdos – E agora o que fazer? surge como um proposta de fornecer à comunidade acadêmica subsídios através de instruções básicas referente à inclusão do aluno surdo considerando sua história, língua, cultura, peculiaridades referente ao seu processo de ensino e aprendizagem, práticas pedagógicas docente e sugestões, além de trazer para dentro dessa realidade todos os profissionais que trabalham na escola e que precisam também ter acesso a esses conhecimentos, pois conviverão com esses alunos no ambiente escolar.

Esperamos que os assuntos abordados contribuam de forma significativa para o esclarecimento acerca do atendimento e acompanhamento adequado aos alunos surdos nas escolas inclusivas e que as propostas de formação sugeridas sejam colocadas em prática de acordo com a realidade de cada instituição de ensino que tenha acesso a esse trabalho.

Ressaltamos que o guia não é a resposta ou solução para que a educação dos surdos seja eficaz ou tenha êxito pleno dentro das escolas regulares mesmo porque adequações, acessibilidade e adaptações precisam ser viabilizadas, mas acreditamos que possa contribuir para o início da construção de uma inclusão real para os alunos surdos por meio do esclarecimento e conscientização que poderão servir de base para novos guias, propostas e planos que poderão trazer desdobramentos positivos no processo inclusivo.

Dessa forma esperamos que as instituições de ensino que tiverem acesso ao presente guia possam estruturar ações efetivas por meio do envolvimento de toda a comunidade escolar para uma verdadeira inclusão dos alunos surdos em seus contextos educacionais.

## — REFERÊNCIAS



ARAGON, Carmelinda Aparecida; SANTOS, Isabela Bagliotti. Deficiência auditiva/surdez: conceitos, legislações e escolarização. Batatais: Revista Educação, v. 5, n. 2, p. 119-140, 2015. Disponível em: < file:///C:/Users/crist/Downloads/sumario6%20(1).pdf >. Acesso em: 12 de junho de 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

\_\_\_\_\_. Declaração de Salamanca e de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros curriculares nacionais adaptações curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação. Resolução nº 02, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, 2001.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, 2000.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências, 2002.

\_\_\_\_\_. Decreto 5.626, de 224 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, 2005.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015.

CONCEIÇÃO, Deuzelina Francisco da. Práticas Pedagógicas Aplicadas aos Alunos Surdos do CAS, durante o Processo de Ensino e Aprendizagem. Artigo Monográfico de Especialização. Universidade Federal de Santa Maria, Palmas, 2011. Disponível em: < [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1482/Conceicao\\_Deuzelina\\_Francisco\\_da.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1482/Conceicao_Deuzelina_Francisco_da.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

DORZIAT, Ana. Sugestões Docentes para Melhorar o Ensino De Surdos. Cadernos de Pesquisa, nº 108, p. 183-198, novembro/1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n108/a08n108.pdf>>. Acesso em: 11/06/2019.

DUCATTI, Claudia Vicente; VILLWOCK, Rosângela. Práticas Pedagógicas Direcionadas a Inclusão do Estudante Surdo. Cadernos PDE. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor de PDE. Paraná, volume I. 2014. Disponível em: < [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_unioeste\\_mat\\_artigo\\_claudia\\_vicente.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_mat_artigo_claudia_vicente.pdf)>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

GARCIA, Cristiane; PEREIRA, Vanessa Bartolo Guimarães; FONTOURA, Simone. A construção de uma identidade. In: GARCIA, Cristiane. Curso Semipresencial de Libras: Língua Brasileira de Sinais. Manaus: Editoria Linha Verde Comunicação, Edição e Produção Ltda, 2009.

\_\_\_\_\_. O que é Libras? In: GARCIA, Cristiane. Curso a distância de Libras: Língua Brasileira de Sinais. Manaus: Linha Verde Interativa, 2010.

GONCALVES, Humberto Bueno; FESTAS, Priscila Soares Vidal. Metodologia do Professor no Ensino de Alunos Surdos. Ensaios Pedagógicos. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia OPET. Paraná, n.03. P-1-13. 2013. Disponível em: < <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n6/ARTIGO-PRISCILA.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

KOTAKI, Cristiane Satiko; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O Intérprete de Libras no contexto da escola inclusiva: Focalizando a sua atuação na segunda etapa do ensino fundamental. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Orgs). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Língua de Sinais e cultura surda: qual seu lugar na escola? In: (orgs.). Língua, Literatura, Cultura e Identidade: IFB, 2016.

LIPPO, Humberto. Para um conceito de Acessibilidade. In: LIPPO, Humberto. Sociologia da

acessibilidade e reconhecimento político das diferenças. Canoas: Ed. Ulbra, 2012.

MOURA, Maria Cecília de; LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn M. R. História e Educação: o surdo, a Oralidade e o Uso de Sinais. In: LOPES FILHO, O. de C. (orgs). Tratado de Fonoaudiologia. Cap.16. São Paulo: Roca, 1997.

MOURA, Adelson Fidelis de. Acesso ao Ensino Superior: a expectativa do aluno surdo do ensino médio. Dissertação. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2016. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136338/moura\\_af\\_me\\_bauru.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136338/moura_af_me_bauru.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

MONTEIRO, Rosa; SILVA, Daniel Nunes Henrique; Ratnher, Carl. Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol.32, n.especial. p. 1-7. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne210>>. Acesso em: 13/06/2019.

PACHECO, Dalmir. Deficiência e Política Pública: Reflexões sobre humanos invisíveis. Editor: Dalmir Pacheco de Souza, 2016.

PACHECO, Et al. Acessibilidade Comunicacional na Educação: A experiência do Núcleo de Tecnologia Assistiva do IFAM na adaptação de materiais didáticos e paradidático. P.9-21. In: BATISTA, C.P; PACHECO, Dalmir. (Orgs). Educação Inclusiva no Contexto Amazônico: Formação e práticas docentes entre rios e florestas. 2018.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Regina Salzgeber. SANTANA, Ana Paula. Intérprete de Libras na Inclusão do Surdo. In: CARVALHO, Edemir de; CARVALHO, Carmem Silvia B. F. (org.). Práticas pedagógicas: entre as teorias e metodologias, as necessidades educativas especiais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v1\\_colecao\\_carvalho\\_corrigido.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-v1_colecao_carvalho_corrigido.pdf). Acesso em: 07/06/2019.

SILVIA, Lúcia Palú da. Manual De Orientação De Práticas Interventivas No Contexto Educacional Para Professores Do Ensino Fundamental. Programa de Desenvolvimento Educacional. Mandirituba, 2008. < <https://docplayer.com.br/4849352-Manual-de-orientacao-de-praticas-interventivas-no-contexto-educacional-para-professores-do-ensino-f>

undamental.html >. Acesso em: 11 de junho de 2019.

SIGOLO, Ana Regina Lucato; GUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rebello; CRUZ, Rosângela Aparecida Silva da. Políticas Educacionais para a Educação Especial no Brasil: uma Breve Contextualização Histórica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.5, n.2, p.173-194, jul-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uepg.br>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2018.

SOUZA, Adriana da Silva et. al. Atendimento a estudantes com deficiência auditiva na Rede Federal de Educação, Científica e Tecnológica. In: NASCIMENTO, Franclin Costa do. Et.al (orgs.). *Educação Profissional Tecnológica Inclusiva: um caminho em construção*. Brasília: IFB, 2013.

STROBEL, Karin. História da Educação de Surdos. Universidade Federal de Santa Catarina. Apostila do Curso de Licenciatura em Letras-Libras na modalidade à distância. Florianópolis, 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase\\_HistoriaEducacaoSurdos.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf)>. Acesso em: 11/06/2009.

ZANATA, Eliana Marques. Práticas Pedagógicas Inclusivas Para Alunos Surdos numa Perspectiva Colaborativa. Tese. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2922/TeseEMZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.







SECRETARIA DE  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO



ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL



*MALOCA ACESSÍVEL*

centro de Referência em Acessibilidade Comunicacional da Rede Federal  
de Educação Tecnológica

*Endereço:* Avenida 7 de Setembro, 1975 - Centro Manaus - Amazonas | CEP: 69020-120

*E-mail:* maloca.cmc@ifam.edu.br

*Telefone:* (92) 3621-6710

*Facebook:* facebook.com/malocaifam

*Instagram:* @malocaifam

**Todos os direitos reservados, conforme a legislação vigente. Proibida toda e qualquer reprodução sem autorização ( Art.184/ Código Penal e Lei de 9.610 de 19/02/1998).**